

# Covid-19 e raça no Brasil de 2020: uma observação de notícias, webinários e outras fontes

Thayla Bicalho Bertolozzi | pesquisadora Afro Anna Carolina Venturini | pesquisadora Afro Caio Jardim Sousa | pesquisador Afro Márcia Lima | pesquisadora e coordenadora Afro Jaciane Milanezi | pesquisadora Afro

### Resumo executivo

- Conteúdos: o informativo traz um levantamento que coletou 2.190 artigos de notícias, 125 webinários, 24 boletins, 14 notas técnicas e 11 episódios de podcasts, totalizando 2.364 conteúdos sobre covid-19 e raça publicados entre entre 1º de abril e 31 de novembro de 2020.
- "Efeito Floyd" em julho de 2020: foi o mês em que houve o maior número de notícias publicadas sobre covid-19 e raça no Brasil. Após o assassinato de George Floyd, no final de maio, protestos no Brasil e nos EUA ocorreram ao longo de junho e julho (Gráfico 2, p. 16), período que também abarcou o Dia Internacional da Mulher Afrolatinoamericana, Afrocaribenha e da Diáspora, em 25 de julho. Mesmo com casos de violações de direitos humanos contra pessoas negras no próprio Brasil, o caso Floyd foi mais citado nas notícias brasileiras analisadas.



- Ponto de mudança no debate: gênero e mercado de trabalho foram categorias (subtemas), em todos os conteúdos, que passaram a aparecer com mais frequência a partir de agosto de 2020 (Gráfico 1, p. 9).
- Frequência dos subtemas em todos os conteúdos: racismo, mercado de trabalho e quilombolas foram mais abordados; e menos recorrentes aqueles sobre desigualdades raciais pré-pandemia, população carcerária e violência policial, e distribuições territoriais da covid-19 (Gráfico 3, p. 22).
- Instituições públicas realizaram mais webinários: ao menos 67% das organizações promotoras de webinários sobre covid-19 e raça eram públicas (Gráfico 8, p. 45).
- Pesquisa importa: associações, grupos e núcleos de pesquisa (universitários ou não) foram os que mais realizaram webinários, publicaram boletins, notas técnicas e podcasts (Gráfico 7 e Gráfico 10, p. 44 e 46, respectivamente).
- "Esforço Mínimo" (Varjão, 2008): em uma amostra aleatória menor das notícias coletadas, observou-se que 60% delas se utilizam somente de um ou nenhum tipo de recurso de edição (seção 3.1, p. 37).
- Genética vs desigualdade: inicialmente, especulava-se, sobretudo na mídia, que a quantidade desproporcional de óbitos entre pessoas negras se dava por fatores genéticos; gradualmente, passou-se a considerar as desigualdades estruturais que grupos étnico-raciais enfrentam como variáveis com maior potencial explicativo (seção 1, p. 8).
- Movimento negro em luta por dados de raça/cor: em 10 de abril de 2020, após uma contínua luta dos movimentos negros no Brasil, e depois da solicitação, por parte da Coalizão Negra de Direitos e da Sociedade Brasileira de Medicina Farmacêutica, os primeiros dados de óbitos e infecções por covid-19 com recorte de raça/cor começaram a ser publicados pelo Ministério da Saúde (Imagem 1, p. 10). Contudo, mesmo após a aprovação de resoluções relacionadas, essa necessidade precisou ser reforçada durante todo o ano de 2020 (seção 2.1, p. 21).
- Não é o mesmo barco: uma retórica de que o vírus seria "democrático" e atingiria todos igualmente, independentemente de cor e raça, veiculada por algumas notícias em fevereiro e março, começou a se transformar em "não estamos todos no mesmo barco" principalmente a partir de abril e sobretudo em novembro, abordando as desigualdades enfrentadas por grupos étnico-raciais e sociais no Brasil (Imagem 1, p. 10).



# Este informativo em palavras

A nuvem de palavras sintetiza os tópicos mais abordados neste informativo, considerando sua frequência.



# Introdução

O presente informativo tem o intuito de apresentar uma síntese do debate público sobre covid-19 e desigualdades raciais no Brasil, além de demonstrar como tais temas foram tratados desde o início da pandemia no país.

Ao longo de todo o projeto "Desigualdades raciais e covid-19" foi realizado um monitoramento de conteúdos advindos de jornais e portais de notícias, webinários, podcasts e boletins on-line que abordassem as intersecções entre os dois tópicos.

A circulação de informações nas redes, a mobilização da sociedade civil, a participação da comunidade acadêmico-científica e a cobertura da imprensa foram centrais para a promoção de um diálogo quanto às desigualdades no enfrentamento desta crise.



#### O texto está dividido em 6 partes:

- A <u>primeira</u> é dedicada a um resumo temporal e uma análise cronológica das principais notícias encontradas no período, ressaltando os temas e eventos de maior magnitude e repercussão, com base na frequência de matérias de determinadas categorias, em cada mês de 2020. O objetivo foi tentar identificar como o debate foi mudando ao longo do tempo, além de fornecer uma retrospectiva para situar leitores quanto aos principais temas discutidos à época, antes de adentrar nos detalhes de cada categoria.

- A <u>segunda</u> seção resume quais os temas que foram mais abordados entre as notícias e todos os demais conteúdos coletados ao longo de todo o período, sem distinção de mês. Além disso, o objetivo também foi realizar uma síntese de notícias sobre cada categoria (subtema) criada para este projeto. Com dados sobre notícias e demais conteúdos, também foi possível elaborar um gráfico de comparação sobre quais tópicos foram mais abordados nas matérias e quais foram mais abordados em podcasts, webinários etc.

- Na <u>terceira</u> seção, a análise macroestrutural, desenvolvida nas duas seções anteriores, cede espaço à análise microestrutural: em primeiro lugar, foi selecionada aleatoriamente uma amostra de 30 notícias, entre todas as coletadas no monitoramento do Afro-Cebrap, para averiguar qual o grau de esforço editorial de notícias sobre raça e covid-19 no Brasil, segundo os conceitos de esforço mínimo e esforço máximo trabalhados por Varjão (2008); e, em segundo lugar, foram selecionadas algumas chamadas de notícias da agência pública mais recorrente no monitoramento, a Agência Brasil, que eram consideravelmente distintas das chamadas de veículos privados observados, como o G1, com o intuito de compará-las.



- Na <u>quarta</u> seção, foram detalhados quais os portais de notícias com mais conteúdos, entre os coletados, e quais tipos de organização (públicas ou privadas; nacionais ou internacionais; acadêmicas ou jurídicas etc.) mais promoveram debates sobre o tema por meio de webinários, boletins, notas técnicas e podcasts.

- E, por fim, na <u>quinta</u> seção ("Sobre os dados"), foram abordados mais detalhadamente os aspectos metodológicos desta pesquisa, descritos de forma resumida nos parágrafos a seguir.

O levantamento coletou 2.190 artigos de notícias, 125 webinários, 24 boletins, 14 notas técnicas e 11 episódios de podcasts, totalizando 2.364 conteúdos sobre covid-19 e raça publicados entre entre 1º de abril e 31 de novembro de 2020.

Sendo todos os documentos coletados sobre covid-19 e raça, principalmente no Brasil, é importante ressaltar que, para relacionar uma determinada notícia desse recorte a um (sub)tema específico, foram criadas as categorias descritas na Tabela 1.

Destaca-se o fato de que não foi feita uma codificação automática utilizando os termos acima, mas sim uma busca, entre as notícias, com o uso desse termo para, após uma rápida leitura, categorizar os documentos. Também vale dizer que a categoria "quilombolas", mesmo quando somente os termos "quilombos" e "quilombolas" eram usados, também retornou algumas poucas notícias sobre indígenas, embora em menor quantidade, como será detalhado posteriormente de acordo com a frequência de cada uma delas separadamente. Outras comunidades tradicionais também foram mencionadas em notícias sobre quilombolas.



Tabela 1. → Categorias criadas para análise e termos para codificação

Categorias criadas (subtemas)	Termos para auxiliar na codificação	
População carcerária e violência policial	"Cárcere"; "Violência policial"; "Prisão"; "Presos"	
Educação	"Educação"; "Ensino"; "Ensino Remoto"	
Distribuições Territoriais	"Território"; "Município"; "Estado"; "Bairro"	
Periferias e solidariedade	"Periferia"; "Periférico"; "Favelas"	
Escassez de dados, subnotificações, desinformação etc.	"Dados"; "Subnotificações"; "Desinformação"	
Mercado de Trabalho	"Mercado de Trabalho"; "Emprego"; "Informais"; "Desemprego"	
Gênero	"Gênero"; "Mulheres"; "Mulher"	
Letalidade e acesso à saúde	"Mortes"; "Letalidade"; "Acesso"; "SUS"; "Infectados"	
Covid e raça nas Américas	"América Latina"; "Estados Unidos"; "Migrantes"; "Migração"	
Desigualdades raciais pré-pandemia	"Pré-pandemia"; "Antes da pandemia"	
Racismo em Debate	"Racismo" + "Pandemia"; "Esporte"; "Xenofobia" + "Racismo"; "Racismo recreativo"; outros	
Quilombolas	"Quilombola"; "Quilombos"; "Quilombolas"; *"Quilombolas" + "Indígenas"*	

Fonte: Elaboração dos autores, 2021.

Finalmente, a realização de um *clipping* (monitoramento) de materiais virtualmente disponíveis no contexto de uma pandemia, com foco na questão racial, permitiu captar a visibilidade e o tratamento dado às desigualdades raciais no Brasil nestas circunstâncias.

Nesse sentido, foram observados conteúdos de locais distintos para melhor compreender o debate público acerca do tema, tais como:



Tabela 2 → Conteúdos coletados no monitoramento por tipo

	Conteúdos Acadêmicos	Conteúdos da Imprensa	Conteúdos de Orgs. do 3º Setor e Sociedade Civil
	Portais universitários de notícias	Jornais e portais independentes ou menores	Veículos do Terceiro Setor para boletins, notas técnicas, podcasts e webinários
	Jornal da USP; Portais da UFMG; UFRGS; UFJF; UFRJ e UEFS <sup>1</sup>	Alma Preta; Notícia Preta; Fala Roça; Brasil de Fato; Nexo; Revista Fórum; The Intercept; Sul21; Amazônia Real etc.	Abrasco; Conaq etc.
	Veículos Acadêmicos para boletins, notas técnicas, podcasts e webinários	Grandes jornais e portais	Portais de notícias on- line
	Boletim "Ciências Sociais e coronavírus" (Anpocs²); Boletim "Direitos na Pandemia" (Conectas/Cepedisa); Boletins do Ipea; Rede de Pesquisa Solidária; Fiocruz etc.	UOL; Folha de S.Paulo; G1; O Globo; Le Monde Diplomatique; Estadão; IstoÉ; El País Brasil; Yahoo!; BBC Brasil; Época; Agência Brasil; Deutsche Welle Brasil; ABC Color etc.	ONU Brasil; Geledés; Instituto Socioambiental (ISA); Nós, Mulheres da Periferia etc.

Fonte: Elaboração dos autores, 2021.

Todos os materiais são digitais, o que deve ser destacado em razão do alcance que podem ter na internet e de como o real e o virtual se entrelaçam (Casatells, 2002). Em um período de isolamento social em certas esferas da sociedade, apesar de haver grandes desigualdades no acesso à rede, considerar a imprensa digital como objeto de análise fornece um alcance abrangente sobre as realidades de diferentes classes sociais e estados do país, assim como fora dele (como serão destacados,

 $<sup>^{1}</sup>$  Universidade de São Paulo, Universidade Federal de Minas Gerais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Universidade Federal de Juiz de Fora, Universidade Federal do Rio de Janeiro e Universidade Estadual de Feira de Santana, respectivamente.

 $<sup>^{\</sup>rm 2}$  Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais.



em seções posteriores, os casos de repercussão internacional, como o assassinato de George Floyd, nos EUA).

Contudo, a escolha de lidar com conteúdos digitais também traz desafios<sup>3</sup> que influenciam os resultados desta pesquisa: tendo em vista que foi realizada uma coleta de notícias principalmente com o uso da plataforma Google Alerts, com viés capaz de retornar majoritariamente notícias vindas de canais, portais e jornais grandes, o próprio algoritmo da plataforma fez com que pouco fosse coletado de mídias menores, independentes e negras.

Para contornar tais dilemas, foram registradas, manualmente, algumas das notícias de portais como Alma Preta e Notícia Preta, além de outros mencionados na primeira seção, mas, substancialmente, os portais que mais apareceram nas pesquisas foram justamente os maiores, tanto em destaque quanto em capacidade financeira.

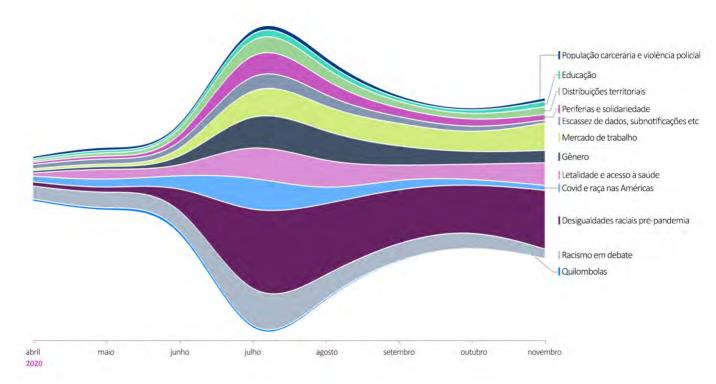
## 1. A cronologia do debate sobre raça e covid no Brasil em 2020

Ao longo de 2020, algumas mudanças ocorreram no debate: enquanto as categorias "quilombolas", "letalidade e acesso à saúde" e "covid e raça nas Américas" vinham sendo, desde abril, as mais recorrentes em todos os conteúdos coletados, a partir de agosto, outras categorias como gênero e mercado de trabalho começaram a ser mais repercutidas sem que as anteriores perdessem destaque. O gráfico abaixo demonstra visualmente essa informação, enquanto a linha do tempo e o texto que o seguem, por sua vez, traçam detalhes qualitativos de fatos e eventos que nortearam o debate em cada mês, principalmente entre as notícias.

<sup>&</sup>lt;sup>3</sup> Veja na seção "Sobre os dados".



Gráfico 1 → Categorias mais frequentes em todos os conteúdos por cada mês de 2020



Fonte: Elaboração dos autores, 2021.



#### Imagem 1 → Linha do tempo: covid-19 e raça em 2020



Fonte: Elaboração dos autores, 2021.



### Fevereiro/Março

- Conforme indicado na linha do tempo, fevereiro e março de 2020 foram os meses do primeiro caso de covid-19 em território brasileiro (26 de fevereiro) e da declaração oficial da transmissão comunitária no país (20 de março).
- Existiam, nos primeiros pronunciamentos publicados na grande mídia, falas sobre como o vírus poderia ser potencialmente "democrático", atingindo pessoas independentemente de sua cor, raça, etnia, religião, nacionalidade, faixa de renda e outros aspectos, o que propiciaria que pessoas e regiões mais ricas se preocupassem com pessoas e regiões mais pobres, dado que o vírus não atingiria populações discriminadamente.
- Ondas de ataques discriminatórios dirigidos a pessoas amarelas<sup>4</sup> com base em um medo de que estas "espalhassem" o vírus. Tais ataques motivaram uma série de eventos, como: a ação "Não sou um Vírus", proposta por asiáticos sobretudo amarelos; a exigência de um edifício comercial, em SP, de que chineses usassem apenas o elevador de serviço no lugar do elevador social. Independentemente da situação socioeconômica da maioria da população amarela no Brasil, tais insultos permaneceram.
- Embora fevereiro e março não façam parte, oficialmente, do recorte temporal de coleta de dados do monitoramento, tais eventos foram mencionados aqui e na linha do tempo dada sua importância para o tema, sobretudo para traçar um panorama inicial da pandemia no Brasil.

#### Abril

<sup>&</sup>lt;sup>4</sup> Termo que se refere, usualmente, a nativos e descendentes de leste-asiáticos no Brasil, mas que não se limita somente a estes.



- Após uma contínua demanda do movimento negro e de organizações da sociedade civil, como a Coalizão Negra por Direitos e a Sociedade Brasileira de Medicina de Família e Comunidade (SBMFC), que já vinham desde o início da pandemia, finalmente, no dia 10, via Lei de Acesso à Informação, os dados relacionados à covid-19 (óbitos, infecções e outros), com recorte por raça/cor, começam a ser fornecidos. Contudo, problemas relacionados a tais dados (subnotificações, disputas sobre o recorte por raça/cor, indisponibilidade em sistemas de dados etc.) permaneceram durante toda a pandemia.
- Pouco a pouco, então, as notícias começaram a revelar preocupações mais específicas, para além de uma possível "democratização" do vírus e da retórica midiática de que todos estavam na mesma situação, mencionando questões raciais, mas ainda refletindo uma tentativa de associar alguma predisposição genética de populações negras e indígenas à letalidade e a uma maior contaminação pelo vírus.
- Gradualmente, a narrativa midiática mudou e passou a considerar, como variáveis com maior potencial explicativo, as desigualdades estruturais preexistentes de alguns grupos étnico-raciais e sociais mais vulneráveis, reiterando o medo de que estes pudessem sofrer mais intensamente os efeitos colaterais da pandemia. Produções em inglês e português sobre o tema, como a de Caldwell e De Araújo (2020), também o levaram para o debate público internacional.
- Não tardou para que mesmo aqueles que se utilizavam de equipamentos de proteção individual fossem vistos como alvos: enquanto se discutia como tornar o uso da máscara mais popular, acessível e agradável inclusive como acessório de moda –, jovens negros estadunidenses eram vistos como suspeitos por utilizá-las situação semelhante à encontrada no Brasil.



A desigualdade de informação, a vulnerabilidade de populações negras e indígenas frente à *infodemia*, o acesso precário a equipamentos e a fontes confiáveis e a desinformação foram tópicos muito abordados em abril (e que, depois, voltaram a ser enfatizados em julho). Em entrevista ao Nexo durante o mês de abril, representantes de comunidades quilombolas relataram um isolamento preexistente à pandemia e que foi intensificado nesta, dada a indisponibilidade de serviços tecnológicos para o acesso à informação. Recorrer a rádios de pilha para informar-se sobre métodos de prevenção à covid-19 tornouse rotina. Nas periferias, a realidade não é tão distante dessa.

#### Maio

- Na penúltima semana de maio, uma publicação realizada pelo G1 revelou a narração de estudantes, pais e professores em meio a um "apagão" do ensino público durante a pandemia no Brasil.
- Somente em maio, a Justiça começou a obrigar ao registro de raça/cor em casos de covid-19. No entanto, foi preciso continuar reforçando a necessidade desses dados em outros momentos, inclusive já em julho.
- No dia 25, algo marcou a história de todo o debate midiático sobre o tema: o assassinato de **George Floyd**, homem negro estadunidense de 46 anos, durante uma abordagem policial violenta, brutal e nitidamente racista. O fato fez efervescer, inclusive nas redes, milhares de protestos em todo o mundo sob o efeito das hashtags "Black Lives Matter", "Vidas Negras Importam" e "I Can't Breathe". Essa última frase foi proferida por Floyd durante seu assassinato, e explicita, em duas vias e dois sentidos, não apenas a condição de pessoas negras em abordagens policiais truculentas como a sua, mas também a dificuldade de respirar e viver em meio às desigualdades em todas as esferas.



#### Junho

- Em junho, notícias sobre guilombolas e covid e raça nas Américas foram as mais frequentes, enquanto aquelas sobre população carcerária, covid-19 e violência policial, assim como sobre escassez de dados, subnotificações e temas relacionados, foram as menos recorrentes.
- No dia 2, o Caso Miguel, menino negro que morreu ao cair do 9º andar após ter sido deixado sozinho em um elevador por Sarí Corte Real, expatroa da mãe da criança, Mirtes Renata, começa a repercutir, escancarando o racismo e o classismo do país: Mirtes, enquanto mulher negra e empregada doméstica, revelou ainda em dezembro de 2020 que houve uma série de tentativas de transformar seu filho em um "demônio", e Sarí em "santa".
- Além disso, dilemas racistas envolvendo o uso de equipamentos de proteção não cessaram: um dentista obrigou uma esteticista negra a utilizar um saco de lixo na cabeça dada a ausência de uma proteção, segundo sua alegação, que comportasse o volume de seu cabelo. Além de ter relatado profundo constrangimento, a jovem negra também sofreu diversos ataques na internet após relatar o caso.
- O caso Floyd continuou repercutindo em junho, e convém destacar o local onde o caso ocorreu: nos Estados Unidos, país que, além de ocupar, para muitos, uma posição de referência político-econômica no continente americano, também é conhecido por ser mais "explicitamente racista". Uma parte do Brasil ainda se vê diferente disso, agarrando-se ao mito da democracia racial<sup>5</sup> e da cordialidade, que contrastam com a realidade estatística: no Brasil, negros são 75% das vítimas dos casos de morte em abordagens policiais; nos EUA, esse <u>índice é de 23%</u>. Essa percepção fez emergir depois, já em julho, a

<sup>&</sup>lt;sup>5</sup> Sobre o mito da democracia racial, ver Guimarães, 2001.



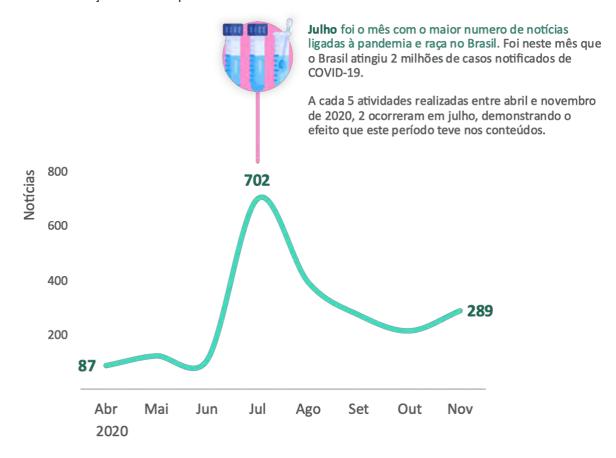
matéria <u>"Brazil's racial reckoning: 'black lives matter here, too'"</u>, publicada pela BBC News.

#### Julho

- No dia 8, Bolsonaro sanciona, com vetos, o PL 1.142, para atendimento a indígenas durante a pandemia. Os vetos foram amplamente criticados e serão discutidos na seção 4.2.
- O argumento de que este mês foi um marco em toda a história do debate midiático se dá justamente pelo fato de que, após o assassinato de George Floyd, ocorrido no final de maio de 2020 e repercutido em junho e, sobretudo, em julho, houve uma explosão de conteúdos com recorte racial envolvendo covid-19 e outros assuntos, demonstrado pelo aumento das notícias até então analisadas (Gráfico 2). Assim, a grande repercussão do caso estadunidense ajudou a propiciar o que denominamos "Efeito Floyd", desencadeando uma série de protestos não apenas nas ruas, mas também na mídia e nas redes. No entanto, não se deve desconsiderar, ainda, que julho também foi o mês das Mulheres Negras latinoamericanas e caribenhas, e que muitos conteúdos sobre raça e gênero foram promovidos.



Gráfico 2 → Distribuição de notícias por mês de 2020



Fonte: Elaboração dos autores, 2021.

e Em um momento posterior, alguns debates questionaram o porquê de o caso Floyd ter tanta repercussão até mesmo no Brasil, com tantas atrocidades semelhantes ou piores ocorrendo em território nacional. Logo após o ocorrido nos Estados Unidos, no dia 13, um policial arrastou e pisou no pescoço de uma mulher negra na Zona Sul de São Paulo. A repercussão do caso, no entanto, restou limitada e muito concentrada, podendo ser analisada utilizando-se conceitos abordados anteriormente, definidos a partir de reflexões de Varjão (2008) e Tânia Cordeiro (2005) e muito trabalhados por Bruna Rocha (UFBA) e Caio Santana (UFBA): jornalismo máximo e jornalismo mínimo (detalhados na seção 4.1).



- emergiram nesse contexto, tais como o Comunica\_Info (via Instagram) e o Infovírus (via Instagram e site). O primeiro é responsável por tentar democratizar o acesso à informação contida em estudos científicos nas áreas de Ciências Humanas e Sociais, tornando os resultados de artigos (sobretudo relacionados à covid-19, mas não somente) visualmente mais atrativos, com linguagem acessível e tamanho reduzido. O segundo, por sua vez, é responsável por monitorar continuamente a situação da população carcerária nesse contexto. Aqui, também cabe destacar pacientes psiquiátricos em hospitais de custódia e tratamento psiquiátrico, retomando debates relacionados à Luta Antimanicomial e à desinstitucionalização da loucura.
- Além disso, não se pode descartar, ainda, o efeito que <u>discursos</u>
   <u>presidenciais minimizando a gravidade da pandemia</u> podem ter na
   <u>natureza comportamental</u> da adesão a mecanismos de prevenção à
   covid-19.
- Por fim, observou-se que a cada nova live ou webinário que emergia sobre covid e raça, os participantes enfrentavam novos desafios: lidar com o aumento de usuários que entravam em suas transmissões apenas para tecer comentários racistas e misóginos – até mesmo em reuniões e eventos acadêmicos.
- Foi esse o caso, inclusive, do Seminário MaRlas e de outro evento online, promovidos pelo IRI/USP, do seminário virtual internacional da organização Games for Change, de aulas on-line e outros. A situação, que já era grave antes e se intensificou desde o início da pandemia, piorou ainda mais em meados de junho, julho e agosto, trazendo ao debate como esses casos e outros tinham grande impacto negativo na saúde mental de pessoas negras, que foi ainda mais afetada durante a pandemia e que foi amplamente comentada durante a campanha "Setembro Amarelo" (Bertolozzi, 2020).



### Agosto

- No dia 8, o Brasil alcançou a marca de <u>100 mil</u> mortos por covid-19.
- Para além da situação que, até o momento, já havia demonstrado uma desigualdade alarmante nas condições de negros e indígenas durante a pandemia, também foram abordados corpos majoritariamente negros ainda mais vulneráveis, tais como os de pessoas trans, populações de rua, dependentes químicos, povos de terreiros e outros. No caso desses últimos, é válido mencionar que, em Pernambuco, uma ação municipal responsável por entregar álcool em gel para templos religiosos <u>ignorou os terreiros</u> da região.
- e Edson Gomes, ao representar o terreiro Ilê Asé Sangô Ayrá Ibinã e sendo membro do Conselho Municipal da Promoção da Igualdade Racial, relatou ao Alma Preta que tal descaso vai muito além dessa única situação: "Não é só pela distribuição de totens de álcool em gel, a nossa reivindicação é por todo esquecimento ao nosso povo. Antes dessa ação, já teve distribuição de cestas básicas e nós, povos de terreiros, não fomos assistidos". Mesmo com violações aos seus direitos e com essa "falta de diálogo" para com tais populações, como também declara o Brasil de Fato, estas se mobilizam entre si para elaborar suas próprias estratégias de enfrentamento à covid-19, doando cestas básicas à comunidade e oferecendo apoio àqueles que as procuram.
- Cada vez mais, também passou-se a falar sobre insegurança alimentar entre populações negras e <u>nutricídio</u> (ou morte diante de políticas que promovam ou não inibam a fome).
- As mídias brasileiras começam, também, a reproduzir e publicar falas de especialistas estadunidenses sobre a necessidade de testagem e de vacinação contra a covid-19 entre idosos e minorias étnico-raciais, dada a disparidade de mortes entre negros e latinos nos EUA.



#### Setembro

- No dia 10, uma pesquisa do Cebrap e da Rede de Pesquisa Solidária, também publicada pelo <u>G1</u>, revelou que negros e indígenas estão quase 3 vezes mais sem atividade escolar, se comparados aos brancos.
- No dia 22, Bolsonaro fez um discurso considerado desonesto e "irreal" por diversos veículos midiáticos e acadêmicos, sobretudo quanto à gravidade da situação da pandemia de covid-19 no Brasil, e pela criminalização e culpabilização de indígenas, imprensa e ONGs quanto às queimadas e consequências da pandemia. A Agência Lupa, responsável por checagem de fatos, analisou seu discurso e encontrou citações a dados falsos, exageros e inconsistências, tendo publicado seus resultados na Revista piauí, da Folha de S.Paulo.

#### Outubro

- No dia 10, o Brasil chegou aos <u>150 mil</u> mortos pela Covid-19.
- Entre os dias 8 e 9, povos e organizações do Brasil, Colômbia, Peru e México denunciaram na Corte Interamericana de Direitos Humanos as violações ao direito de consentimento livre, prévio e informado, que foi ainda mais violado durante a pandemia. Matérias do Cimi revelam como indígenas, quilombolas e outras comunidades tradicionais foram e seguem sendo ainda mais atingidas nesse quesito.
- Em meio à pandemia, despejos e remoções de quilombolas e indígenas, no dia 16, o Projeto de Lei Orçamentária Anual (PLOA) previu, para 2021, um corte de 90% no valor destinado ao reconhecimento de terras quilombolas, além de uma queda de 47,6% do orçamento destinado à proteção de povos indígenas. Bolsonaro foi criticado e tal orçamento foi considerado, por portais como Rede Brasil Atual, uma ameaça do presidente a quilombolas e indígenas, dado que



foi ele quem submeteu a proposta orçamentária do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) ao Congresso.

#### Novembro

- Notícias sobre mercado de trabalho e desemprego se intensificaram, e por volta do dia 20 surgem matérias sobre as taxas de desocupação mais altas entre negros durante janeiro e julho de 2020, com base na Pnad Contínua.
- debate sobre a permissão de audiência de custódia por videoconferência foi intensificado pela mídia, e organizações de direitos humanos, como a <u>Conectas</u>, rechaçaram a modificação da Resolução CNJ nº 329/2020, argumentando que isso podia dificultar ou até impedir o juiz de verificar sinais de tortura ou maus tratos. Mesmo assim, a resolução foi aprovada no dia <u>24</u>.
- Também ficou mais recorrente a repercussão de que as vacinas precisariam atingir todas as camadas da população desde as fases de testes para avaliar suas eficácias em pessoas de diversas raças e etnias, com <u>históricos</u> e <u>acesso à saúde</u>, e também para garantir sua democratização diante das desigualdades sociais existentes.
- Além disso, a própria mídia articulou notícias sobre vacinas distintas de modos distintos: segundo uma análise semiótica que repercutiu na rede social Instagram, por perfis de divulgação científica como o Click.Ciência, atualmente indisponível, e outros –, algumas agências que veiculavam artigos sobre a "vacina chinesa" (termo empregado por elas desde março de 2020) utilizavam-se de recursos imagéticos e textuais que atribuíam maior incerteza à CoronaVac, dada sua origem, do que às outras vacinas. As imagens destacadas nas matérias sobre o tema tendiam a possuir um aspecto mais misterioso, utilizando-se somente de sombras e transmitindo uma sensação de insegurança e incerteza.



- Aliás, a própria escolha por chamá-la de "vacina chinesa" em detrimento de seu nome oficial foi criticada, afinal, a outra vacina em testes a de Oxford levava o nome da instituição, e não de sua origem, e ambas possuem matérias-primas oriundas da China. Além de potencialmente reforçar estereótipos negativos quanto à China e aos asiáticos, tal medida também pode ter influenciado a adesão e a confiança da população na vacina. Aqui, é válido lembrar do "poder simbólico" ao qual Bourdieu (1998/2005) se refere, e que está tão presente na comunicação, principalmente ao considerar o papel que mídias grandes exercem.
- Ademais, como se não bastassem as desigualdades no acesso às vacinas e nas testagens, assim como na educação e em tantas outras áreas, também foi cada vez mais identificada uma vulnerabilidade acentuada de pessoas negras no mercado de trabalho, como apontamos no <u>Informativo 7</u>.

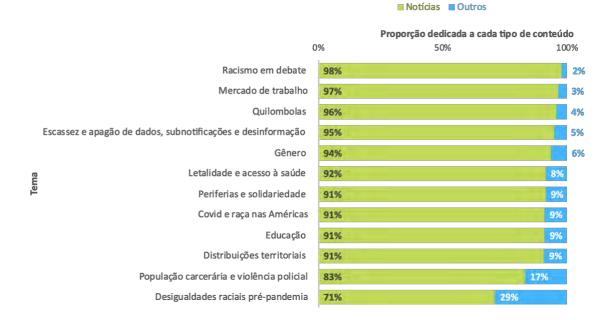
## 2. Quais os temas mais abordados?

### 2.1. Em todos os tipos de conteúdo

Quando somados, os documentos de todos os tipos de conteúdo (notícias, boletins, notas etc.), por categoria, apresentam a seguinte ordem decrescente de aparição e a proporção dedicada, dividindo notícias e todos os demais tipos de conteúdo:



Gráfico 3 → Proporção dedicada por formato de conteúdo em cada categoria



Fonte: Elaboração dos autores, 2021.

Depreende-se, portanto, de todos os gráficos até aqui analisados, que a frequência de categorias em conteúdos sobre covid-19 e raça no Brasil se distribui da seguinte forma:

<u>Mais recorrentes em todos os tipos de conteúdo</u>: racismo em debate, mercado de trabalho e quilombolas;

<u>Mais recorrentes nas notícias</u>: racismo em debate, quilombolas, letalidade e acesso à saúde;

<u>Mais recorrentes nos webinários, boletins, notas técnicas e</u> <u>podcasts:</u> letalidade e acesso à saúde, covid e raça nas Américas e racismo em debate;

Menos recorrentes em todos os tipos de conteúdo: desigualdades raciais pré-pandemia, população carcerária e violência policial, e distribuições territoriais da covid-19;



<u>Menos recorrentes nas notícias</u>: desigualdades raciais prépandemia, escassez de dados, subnotificações e desinformação, assim como população carcerária e violência policial;

Menos recorrentes nos webinários, boletins, notas técnicas e podcasts: escassez de dados, subnotificações e desinformação, assim como desigualdades raciais pré-pandemia e mercado de trabalho.

### 2.2. Em artigos de jornais, revistas e portais de notícias

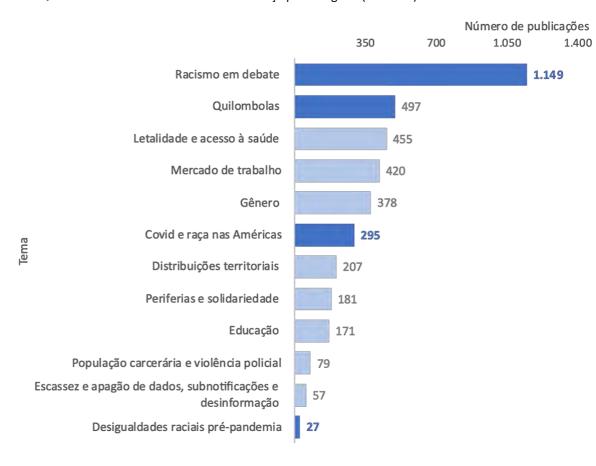
A seguir, há uma nuvem de palavras composta pelos termos mais frequentes encontrados nos títulos das notícias coletadas e um gráfico com as categorias (subtemas, pertencentes ao tema principal "covid-19 e raça no Brasil") mais recorrentes, entre as notícias, durante todo o ano de 2020. Logo após, há um detalhamento das categorias criadas e uma exposição de notícias que nortearam o debate sobre aquele determinado subtema.



Fonte: Elaboração dos autores, 2021.



Gráfico 4 → Quantidade de notícias sobre covid-19 e raça por categoria (subtema)



Fonte: Elaboração dos autores, 2021.

### Racismo em debate

Extremamente abrangente, é compreensível que esta categoria tenha sido a responsável pelo maior número de notícias, uma vez que todos os casos envolvendo abertamente o debate sobre a intensificação do racismo durante a pandemia e o isolamento social foram alocados nela.

Destacam-se, aqui, as notícias sobre o aumento de casos de racismo - e, também, de manifestações relacionadas – nos esportes: <u>futebol</u>, <u>e-sports</u>, <u>natação</u>, <u>Fórmula 1</u>, <u>basquete</u> e tantos outros. Além disso, também foram inseridos, nesta categoria, os pouquíssimos artigos que olharam para as dificuldades de populações ainda mais vulneráveis e invisibilizadas – sobretudo quando, adicionalmente, também são negras –, como <u>imigrantes e refugiados</u>, <u>LGBTQIA+</u>, pessoas em situação de <u>prostituição</u>, <u>crianças</u>, <u>pessoas em situação de rua</u> e pessoas com deficiência (<u>PcD</u>).



Casos emblemáticos, como o de Miguel e o de João Alberto, também entram na categoria.

### Quilombolas

O enfrentamento da covid-19 nos quilombos foi o segundo tema mais repercutido, e que contou, ainda, com menções frequentes a outros povos tradicionais e originários – indígenas, ciganos, ribeirinhos e outros. Das 434 notícias que mencionam explicitamente quilombolas, ao menos 162 também incluíram indígenas.

Quilombolas e indígenas precisaram enfrentar múltiplas problemáticas em 2020, ao longo da pandemia: covid-19, queimadas, garimpos, turismo e tantos outros desafios ao mesmo tempo.

Além disso, outras 63 abordaram somente indígenas, inclusive citando a internação do <u>cacique Raoni</u> por covid-19, um incêndio criminoso contra uma <u>escola indígena</u> em Pernambuco, a morte de um líder do <u>Alto Xingu</u> por covid-19 e o relato de uma mulher indígena sobre ter <u>perdido 98% de sua sua língua</u> durante a pandemia. Apesar disso, também foi abordada a <u>vitória da Apib</u>, em conjunto com a ONG Conectas, no STF, garantindo proteção a indígenas.

Entre covid-19, <u>queimadas</u>, <u>garimpos</u>, <u>turismo</u> e tantas outras dificuldades, cabe destacar o <u>discurso</u> de Bolsonaro na Assembleia Geral da ONU, com dados (aparentemente, intencionalmente) <u>incorretos</u>, praticamente responsabilizando comunidades tradicionais e originárias por desastres ambientais, além dos vetos à obrigatoriedade, por parte do Estado, de disponibilizar <u>água potável</u> a tais comunidades. Também é válido ressaltar que, mesmo em plena pandemia, quilombolas permaneceram sendo <u>despejados</u> e não tendo suas terras <u>reconhecidas</u>, o que aumentou sua exposição ao vírus, além de continuarem enfrentando descasos no fornecimento de energia elétrica, como no repercutido caso do Amapá (Bertolozzi, 2020; Arruti, 2020).

Além do <u>Informativo 6</u> desta série sobre o tema (Arruti et al., 2021), também houve uma importante <u>publicação</u> científica em inglês, datada de



novembro de 2020, relacionada ao chamado "genocídio em curso" que indígenas e negros, sobretudo quilombolas, mulheres e LGBTQIA+, têm enfrentado – e ressaltando que esse é o resultado de uma política contínua de muitas outras décadas contra tais comunidades (Jr Barreto, 2020). Tais considerações e conclusões apenas reforçam o que a mídia já vem noticiando ao longo da pandemia.

### Letalidade e acesso à saúde

Sendo este o terceiro tema mais veiculado dentre os verificados, é válido ressaltar o que já foi dito em outros informativos desta série. O panorama inicial foi marcado por uma preocupação em associar possíveis fatores genéticos enquanto motivações para um maior número de óbitos de pessoas negras por covid-19. Em seguida, ocorreu uma mudança no tom do debate, inclusive considerando as desigualdades <u>institucionais</u> de acesso à saúde de baixa e alta complexidade, ao uso de <u>máscaras</u> e as demais desigualdades estruturais que expõem ainda mais pessoas negras a situações precárias em diversos setores. Assim, passou-se a reforçar que, para além de qualquer associação genética, um dos principais motivos pelos quais as mortes são tão desiguais é, justamente, a própria <u>desigualdade</u> presente em todas as esferas das vidas negras.

Além disso, um agravante desse quadro foi abordado na categoria "Escassez e apagão de dados, subnotificações e desinformação" deste Informativo, dado que, embora já seja possível, mesmo com poucos dados por raça/cor/etnia, afirmar que as assimetrias entre óbitos de pessoas negras e brancas são alarmantes, tal pontuação poderia ser ainda mais precisa se a insuficiência e a não desagregação dos dados com esses quesitos fossem sanadas (De Oliveira et al., 2020).

Por fim, também cabe destacar que, mesmo quando pessoas negras conseguem, ultrapassando diversas barreiras, chegar ao sistema de saúde de baixa e alta complexidade, estas também enfrentam outros descasos,



inclusive por parte de alguns profissionais da saúde, que apenas reiteram quão abrangente o racismo pode ser<sup>6</sup>.

### Mercado de Trabalho

Desde abril, já se falava, em uma perspectiva <u>racializada</u>, sobre quem seriam os mais afetados pela crise relacionada à pandemia no mercado de trabalho. Além de serem maioria em serviços <u>informais</u>, pretos e pardos também têm enfrentado desafios em postos formais e até mesmo no empreendedorismo.

No período analisado, a mídia destacou, sobretudo, a situação de empregadas domésticas, ressaltando a perda de oportunidades e de renda, além da exposição ao vírus durante o trabalho, acúmulo de funções, assédio moral e sexual, desigualdade no acesso à informação sobre seus direitos e papel social doméstico que favorece a sobrecarga mental e física de mulheres negras. Entregadores de aplicativos de delivery, trabalhadores de limpeza urbana (como coleta de lixo) e terceirizados em geral, majoritariamente negros, também têm tido destaque nos portais eletrônicos. Assim como pessoas negras que são profissionais de saúde, professores e pesquisadores (sobretudo aqueles e aquelas que já possuem filhos).

Contudo, conforme demonstrado no Informativo 7 (Prates; Lima et al., 2021), também repercutiu a notícia de que <u>empreendedores</u> e <u>empreendedoras</u> negros(as) são os(as) que enfrentam a crise sem (ou com menos) <u>reservas</u> financeiras. Além disso, pretos e pardos também são os que têm mais dificuldade de acesso ao <u>crédito</u> e à <u>aposentadoria</u> do INSS. E seguem, ainda, sendo os que têm as maiores taxas de <u>desocupação</u>, informação que, após atualizações da Pesquisa Nacional por Amostra de

.

<sup>&</sup>lt;sup>6</sup> Na Austrália, um estudo identificou que hostilidade, indiferença, intolerância e medo da competição por equipamentos foram recorrentes em hospitais quando se percebia que pacientes não eram falantes de inglês ou possuíam sotaque que possibilitava identificá-los como de origem etnocultural e/ou racial distinta (Johnstone; Kanitsaki, 2020). Situações semelhantes foram identificadas por Jones (2001) no contexto estadunidense e por Paparaangi Reid e Robson (2007) no cenário neozelandês.



Domicílio (Pnad-Covid) pelo IBGE em meados de julho e setembro de 2020, tem sido amplamente republicada em diversos jornais.

Por fim, também cabe ressaltar que houve alguma preocupação com o <u>trabalho infantil</u> entre crianças e jovens negros, que aumentou tanto em São Paulo como no restante do país, situação que foi alvo de <u>campanhas</u> e de observações do <u>Unicef</u>.

### Gênero

Conforme abordado no <u>Informativo 7</u> (Prates; Lima et al., 2021), notícias sobre as <u>dificuldades</u> de mulheres e meninas (sobretudo <u>negras</u>) durante a pandemia têm ressaltado, de abril a novembro, a sobrecarga trazida por seu <u>papel social e doméstico</u>, a exaustão emocional e mental, os dilemas de conviver com a incerteza sobre a <u>alimentação</u> de seus filhos, <u>abusos sexuais</u>, <u>violência doméstica</u>, <u>assédio on-line</u> e outras agressões que se intensificaram durante o isolamento, assim como os altos índices de óbitos de <u>grávidas e puérperas</u>, a situação de gestantes <u>encarceradas</u> e os casos de <u>precarização</u> e exposição de empregadas domésticas e <u>agentes</u> comunitárias de saúde (Milanezi et al., 2020), todas majoritariamente negras, ao vírus, à informalidade, ao <u>desemprego</u> e ao <u>racismo</u>. Ou seja: para além da raça/cor (Saraiva, 2020), o gênero também passou a ser considerado uma variável importante para entender quão atingida a camada feminina e negra da população tem sido pela pandemia, de modo interseccional.

### Covid e raça nas Américas

Além das notícias coletadas sobre o Brasil, também foram incluídas algumas que, ao inserir as palavras-chave em inglês e espanhol no sistema utilizado, retrataram igualmente os dilemas enfrentados por populações negras e indígenas em outros países da América Latina, além da situação nos Estados Unidos, sobretudo após o caso cruel e emblemático do assassinato de George Floyd, assim como os protestos decorrentes disso.



Ainda em abril e maio de 2020, mídias internacionais já se pronunciavam sobre as desigualdades de óbitos por covid-19 entre negros, latinos e brancos, no caso estadunidense, e principalmente negros, pessoas encarceradas e indígenas, no caso de países latinoamericanos para além do Brasil, como indicam as matérias, em espanhol, do El País e do ABC Color. Em ambos os contextos, a situação de migrantes e refugiados nessas localidades também foi abordada, assim como ocorreu em algumas notícias da primeira categoria apresentada. E, embora já em novembro uma notícia tenha ressaltado uma homenagem prestada às empresas de migrantes, em Boston, que "fazem a diferença na pandemia", a verdade é que pouco tem sido feito em prol dessas populações – mesmo que esse tenha sido um dos temas mais debatidos nas <u>eleições estadunidenses</u>, assim como a maior letalidade da covid-19 entre comunidades negras. Por fim, cabe ressaltar que denúncias a organismos regionais e internacionais sobre o tema também foram recorrentes nesta categoria.

### Distribuições territoriais

O mês de agosto de 2020 se encerrou com uma chamada alarmante, publicada pelo El País Brasil: "O auxílio que revoluciona a vida no Ceará não salva da rua em São Paulo". Frente às distribuições assimétricas de casos de covid-19 em diferentes cidades e estados brasileiros, percebeuse o que já era previsto por pesquisadores das desigualdades: com situações distintas em diversos setores da sociedade, como mercado de trabalho, acesso a saneamento básico, educação e outros, já se imaginava que a covid-19 também atingiria de modos brutalmente diferentes populações de regiões em contextos ainda mais precários. A partir do momento em que o debate começou a olhar para locais periféricos dentro de São Paulo – como indicou o Informativo 2 (Sousa et al., 2020) – e Rio de Janeiro, e para estados fora do eixo Sul-Sudeste, foi identificada a "geografia macabra da covid-19". No entanto, essa geografia é assim para



muito além da covid e da pandemia: se ela se apresenta ainda mais cruel agora, é porque sempre foi, dificultando sistematicamente o acesso à renda, à saúde e a outros serviços e direitos básicos por muito mais tempo.

### Periferias e solidariedade

Em diversos momentos, a situação nas periferias foi retratada, pela mídia, ressaltando as <u>vulnerabilidades</u> e dificuldades intensificadas pela pandemia – como a <u>fome</u>, o descaso <u>institucional</u>, os altos índices de <u>contaminações</u>, <u>desemprego</u>, trabalhos informais, de maior <u>exposição</u> e precarização, <u>saúde mental</u> prejudicada, assimetrias de <u>gênero</u>, demais <u>desigualdades</u>, o racismo (Do Brasil, 2020) – e, ao mesmo tempo, enfatizando atores (incluindo <u>líderes comunitários</u>), mecanismos e organizações da <u>sociedade civil</u> capazes de contribuir, sobretudo de forma solidária, para amenizar a gravidade desses dilemas.

Essas ações, tanto por parte de <u>indivíduos</u> como por parte de entidades de investimento <u>social privado</u>, organizações e associações filantrópicas, também foram frequentemente abordadas no caso de quilombolas e indígenas desassistidos pelo governo federal. Em ambos os contextos, doações de <u>cestas básicas</u> e <u>alimentos</u>, kits de equipamentos de <u>proteção</u> individual e <u>higiene</u>, desenvolvimento de <u>projetos sociais</u> para geração de renda, promoção de outros <u>auxílios</u> provisórios e demais meios foram muito empregados, justamente tentando preencher um vácuo de atenção governamental que reforçou o desamparo dessas comunidades. Contudo, embora muito positivas, tais atitudes não são capazes de, sozinhas, resolver os problemas estruturais existentes, e <u>políticas públicas</u> ainda são demandadas com urgência.



### Educação

Desde o início da pandemia, jornais têm veiculado como o ensino remoto emergencial provocou um verdadeiro "apagão" no ensino, sobretudo para algumas regiões do país. Pouco a pouco, evidenciou-se uma <u>racialização</u> do debate embasada em dados, revelando que o número

"...além dos desafios de promover um ensino remoto equitativo, considerando as assimetrias estruturais de acesso à internet, moradia, saneamento básico, fortemente associadas às

desiaualdades raciais"

de estudantes negros e indígenas sem atividade escolar era quase o triplo do contingente de brancos.

Em agosto, o caso do <u>Amazonas</u>, após a distribuição de máscaras desnecessariamente grandes para estudantes da rede pública ter repercutido na Internet, milhares de *memes e piadas* surgiram para satirizar e denunciar o descaso governamental. Esse foi o retrato de uma política que ignorou os protestos e

greves de professores, em <u>Manaus</u>, que pediam a manutenção do isolamento social.

Por fim, além dos desafios de promover um ensino remoto equitativo, considerando as assimetrias estruturais de acesso à internet, moradia, saneamento básico, fortemente associadas às desigualdades raciais, apresentadas no <u>Informativo 3</u> desta série (Venturini et al., 2020), alunos e professores também precisaram lidar com um aumento de casos de <u>racismo na internet</u> durante as aulas on-line.

### População carcerária e violência policial

Este tópico, já abordado no <u>Informativo 4</u> desta série (Ferreira et al., 2020), foi um dos três menos discutidos, dentre os coletados e categorizados neste trabalho. Esse dado se revela extremamente importante pois, frequentemente, ativistas e familiares de pessoas encarceradas relatam a invisibilização dessas populações, que se revela ainda mais cruel para pessoas negras e indígenas, sobretudo quando, além de tudo, são mulheres. É essa mesma invisibilização que reforçou o medo da população carcerária, impulsionando a escrita de <u>cartas</u> de amor e de



despedida aos seus entes queridos já no início da pandemia. Já se imaginava, em parte, o que ia ocorrer: mortes, insalubridade e subnotificações; insuficiência de equipamentos de proteção e testagem; a restrição a visitas e, consequentemente, ao acesso a itens de higiene básica e alimentação até então trazidos por elas; a liberação de audiências de custódia por videoconferência, prejudicando a análise de casos de tortura; prisões ainda mais arbitrárias; racismo institucional cada vez mais aguçado; e tantos outros dilemas.

Mas a violência policial, por sua vez, se estende para muito além das vidas em cárcere, e <u>aumentou</u> durante a pandemia. Se os jovens negros já não tinham <u>direito à cidade</u> antes, têm <u>menos ainda</u> durante o isolamento social, independentemente da <u>idade</u>. Suas vidas são transformadas em números de óbitos que elevam o status do Brasil a um <u>recorde</u> de mortes pela polícia e, quando o <u>fim</u> não é esse, viram estatísticas de recordes por mortes de covid-19, o que se refletiu, inclusive, nas condições de insuficiência de dados em boletins epidemiológicos emitidos pelas unidades federativas brasileiras (Dos Santos et al., 2020).

# Escassez e apagão de dados, subnotificações e desinformação

Desde abril, debates sobre a necessidade da inclusão obrigatória do quesito raça/cor no SUS já estavam presentes, tanto para diminuir as subnotificações, quanto para traçar melhores políticas públicas destinadas às populações que mais têm enfrentado os efeitos perversos das desigualdades étnico-raciais. A articulação do movimento negro e a atuação conjunta da Coalizão Negra por Direitos e da SBMFC, como afirmado anteriormente, fez com que os primeiros dados com recorte racial fossem disponibilizados. No mesmo mês, o IBGE também antecipou dados sobre indígenas e quilombolas, mas discussões sobre uma maior abrangência da realidade quilombola vir somente a partir do Censo de 2021 foram retomadas.



Em maio, a <u>Justiça</u> determinou a coleta de dados de raça/cor nos registros do SUS sobre covid-19 — e pouco antes havia sido noticiado pela <u>Folha</u> que, em dois meses de pandemia, a raça/cor de ao menos 29% dos mortos infectados não era conhecida.

Por outro lado, iniciativas da sociedade civil para <u>monitorar</u> mais de perto a covid-19 nas <u>periferias</u> e em <u>bairros</u> de maioria negra e pobre também emergiram, assim como boletins e outras contribuições, científicas ou não, para melhor informar a população e os próprios formuladores de <u>políticas públicas</u>.

Em junho, já se falava sobre a principal causa da <u>subnotificação</u> ser a própria dificuldade de acesso à rede de assistência, revelando as históricas desigualdades raciais que se agravaram no cenário da pandemia. Além dessa motivação, também especulava-se que a <u>escassez</u> <u>de testes</u> e a de sistemas informatizados, principalmente em locais periféricos, eram fatores decisivos.

Ou seja: mesmo com um bom índice relativo de transparência de dados de alguns estados, como <u>Amazonas</u> e <u>Pernambuco</u>, segundo a Open Knowledge, esses outros fatores continuavam contribuindo para a subnotificação e, indiretamente, para as desinformações sobre a gravidade da covid-19. Além disso, o índice, por si só, não descartou, como revela uma matéria da <u>Agência Senado</u> em agosto, a necessidade e a urgência de um aprimoramento na transparência de dados, sobretudo (mas não somente) do governo federal.

Em exemplo, conforme mostra a análise de boletins epidemiológicos realizada por De Araújo et al. (2020), a partir de determinado boletim (do BEE-18 até o BEE-21, entre junho e julho de 2020), os dados sobre covid-19 começaram a ser não mais exibidos em valores percentuais, mas sim em tabelas com quantidades brutas, dificultando análises e políticas mais acuradas sobre o tema.



Nos quilombos, nas periferias e entre <u>indígenas</u>, a desinformação e a dificuldade de acesso à informação segura foram grandes agravantes: ainda em junho, já se falava sobre um surto de <u>"virose braba"</u> entre quilombolas e que, na verdade, provavelmente eram casos de covid-19 – contudo, poucos têm acesso à internet ou até mesmo a outro recurso eletrônico que não o rádio, e mesmo este é escasso.

Além disso, o acesso à internet, por si só, não é uma garantia completa de que somente informações confiáveis serão repassadas. Em agosto, inclusive, novas <u>discussões</u> vieram sobre o tema, especialmente reiterando as dificuldades das comunidades tradicionais.

Outros desafios relacionados aos dados e, de certa forma, à tecnologia revelaram que as novas tentativas de diagnóstico não levaram muito em conta as especificidades das populações negras: também em agosto de 2020, uma notícia publicada pelo <u>Olhar Digital</u> revelou que os oxímetros, cada vez mais usados no exterior para testar suspeitos de covid-19, têm favorecido mais as populações brancas em razão das divergências dos resultados nos sensores de luz contra a pele.

Um debate semelhante a esse foi retomado em <u>outubro</u>, quando se passou a questionar ainda mais o fato de que alguns testes para vacinas de covid-19 não incluíam um número suficiente de pessoas de diferentes etnias e raças. Cabe ressaltar que, em março de 2021, dados acabaram reforçando a preocupação de pesquisadores em 2020: brancos são quase o dobro do que os negros vacinados contra covid-19 no Brasil, segundo uma matéria da <u>Folha</u>.

Finalmente, mesmo após a denúncia contra Bolsonaro à Corte Interamericana de Direitos Humanos pelo <u>"apagão de dados"</u> sobre a pandemia, realizada em outubro, <u>pesquisadores</u> ainda precisaram continuar demandando dados sobre vítimas negras e mulheres.



### Desigualdades raciais pré-pandemia

Evidenciou-se, ao longo do debate, uma forte preocupação com desigualdades raciais e estruturais que já existiam antes da pandemia, e que teriam se intensificado neste período, como escreveram Lima et al. (2020) no <u>Informativo 1</u> de abertura desta série. No entanto, poucos foram os artigos e notícias de jornais que, de fato, tiveram uma visão panorâmica dessa análise retrospectiva, sobre quais eram as situações prévias, inclusive em ambientes institucionais, e como essas condições estão se agravando hoje.

Embora pertencentes a uma categoria menos recorrente, dentre as criadas para analisar os conteúdos midiáticos, há tentativas que cabe destacar, tais como: a linha do tempo de <u>Jaciane Milanezi</u>, publicada pelo Nexo Políticas Públicas, sobre a institucionalização da saúde da população negra no SUS; um artigo de Guilherme Soares Dias, produzido pelo <u>Alma Preta</u> e republicado no Yahoo! Notícias, sobre o perfil da vítima padrão de covid-19 ser o mesmo que o das vítimas de violência policial (homem e negro); o olhar de <u>Márcia Lima</u> sobre as mudanças no debate racial ao longo do tempo; e outra publicação, também de <u>Márcia Lima</u>, em coautoria com lan Prates, sobre as mortes desiguais entre pobres, negros e brancos antes e durante a pandemia.

### 2.3. Em boletins, notas técnicas e podcasts

Foram coletados 24 boletins, 14 notas técnicas e 11 episódios de podcasts, totalizando 49 mídias desses tipos. Nelas, o debate se concentrou, principalmente, na letalidade da covid-19 e nas desigualdades de acesso à saúde de baixa e alta complexidade entre pessoas negras, nas assimetrias acentuadas pela pandemia que tais populações enfrentam nas Américas, no racismo agravado das mais diversas formas pelo contexto atual e na distribuição territorial dos casos.

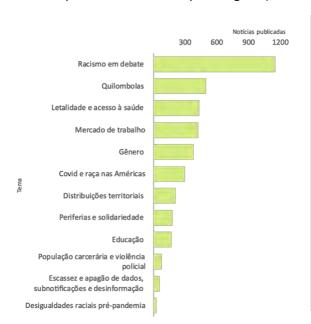


Também foram coletadas informações sobre 125 webinários, conforme afirmado anteriormente.

No Gráfico 5 a seguir, à direita, há especificamente uma relação dos conteúdos sobre os quais esses eventos virtuais, além dos boletins, notas técnicas, podcasts e artigos, versaram, e é possível perceber uma maior prevalência do tema "letalidade e acesso à saúde" nos webinários, uma das três categorias também mais frequentes nos jornais e portais de notícias, conforme indica o gráfico à esquerda.

E, por fim, logo em seguida, também há uma nuvem de palavras composta das palavras mais frequentes encontradas nos títulos de todos esses documentos, com exceção das notícias.

Gráfico 5 → Frequências de conteúdos por categoria (subtema) e formato





Fonte: Elaboração dos autores, 2021.





Fonte: Elaboração dos autores, 2021.

# 3. Quais os esforços empregados nas edições das matérias?

#### 3.1. Amostra aleatória de notícias

Dentre as 2.190 notícias coletadas, foram selecionadas aleatoriamente  $30^7$  para identificar aspectos mais detalhados sobre os recursos de edição empregados, assim como os esforços que essas ferramentas indicam ou deixam de indicar.

Nessa análise optou-se por recuperar os conceitos de "jornalismo máximo" e "jornalismo mínimo", muito trabalhados por Varjão (2008) e Cordeiro (2005). Resumidamente, essas ideias se concentram na utilização de um número maior e mais diverso de recursos de edição, no primeiro caso, e menores frequência e variação dos mesmos, no último caso. Em

<sup>&</sup>lt;sup>7</sup> Essa quantidade foi escolhida pois seria aproximadamente a quantidade de dias em um mês, mas a aleatoriedade inclui notícias de todos os dias e meses.



ambas as situações, a análise de matérias realizada por Varjão compreende, principalmente, como pessoas negras e marginalizadas são frequentemente retratadas na mídia com certo descaso, mediante o uso de um "jornalismo mínimo" em que quase não há fotos, vídeos, áudios, imagens, gráficos, mapas e outros meios editoriais que costumam tornar uma publicação ainda mais atraente, interessante e repleta de informações.

Além disso, a observação de Varjão revelou, assim como outras (Barros Filho; Martino, 2003), quão forte é o padrão, na comunicação, de percepção sobre populações negras e marginalizadas, contribuindo ainda mais para sua invisibilização. No cenário atual, diante da pandemia de covid-19, a situação não foi tão diferente: das 30 notícias selecionadas <u>aleatoriamente</u> a partir de um monitoramento próprio desenvolvido para os informativos do Afro/Cebrap (com metodologia descrita na seção "Sobre os dados"), 60% se utilizaram somente de um ou nenhum tipo de recurso de edição, sendo categorizados como de "esforço mínimo", conforme abordado por Varjão (2008) e detalhado na seção "Sobre os dados"; 36,7% tiveram um "esforço mediano" de edição, usando de dois a três tipos de recursos distintos; e apenas 3,3% (o equivalente a uma única matéria) empenharam um "esforço máximo", com o uso concomitante de quatro ou mais ferramentas editoriais distintas. É válido ressaltar que, nessa amostra aleatória, há publicações de grandes agências de comunicação e outras menores, incluindo as independentes.

# 3.2. Há negros e indígenas nas chamadas principais das notícias?

No monitoramento de 2.190 notícias coletadas entre abril e novembro de 2020, publicadas entre abril e novembro do mesmo ano, somente 400 mencionaram, em suas chamadas principais, os termos "negros/negras", 218 utilizaram a palavra "racismo", 254 "quilombos/quilombolas", 135 "indígenas", 135 "raça/racial", 36



"pretos/pretas" e 33 "pardos/pardas", sendo que todas as notícias registradas tinham relação com covid-19 e raça, ainda que o recorte racial estivesse presente no texto e não explicitamente no título. Combinadas, tais categorias totalizam 679 aparições em manchetes, correspondendo a 52,35% das chamadas analisadas. Considerando o recorte racial presente em todos os artigos – mesmo que em alguns casos isso esteja presente nas entrelinhas das argumentações, chama atenção o fato de quase metade dos títulos não destacar que o conteúdo possui relação com as questões raciais.

Por que, então, questões raciais podem aparecer nas entrelinhas das argumentações, mas, mesmo em matérias que a mencionam, somente em pouco mais da metade das vezes tais as aparições se dão nas chamadas principais?

Varjão (2008) argumenta que os baixos recursos de edição por parte da imprensa, principalmente em matérias sobre pessoas negras, podem ser resultado de uma série de "esforços mínimos" para lidar com o tema. No entanto, recursos escassos de edição não impedem a inserção do termo negras(os) nas chamadas das notícias, por exemplo. O fato é que, neste caso, ao não inserir nenhum termo racial nos títulos, parece que a questão não será devidamente racializada. Assim, a questão racial virá sobretudo como uma pauta secundária que emergirá ao longo do texto.

# 3.3. Imprensa pública em títulos e divergências: o caso da Agência Brasil

Em julho de 2020, enquanto <u>outros portais</u> noticiavam a falta de ação política diante da pandemia e a entendiam como um genocídio, a <u>Agência Brasil</u><sup>8</sup>, veículo sob a responsabilidade da Empresa Brasil de Comunicação (EBC), publicava que a contagem de casos havia se

<sup>8</sup> Agência de notícias pública mais frequente no monitoramento e, por isso mesmo, escolhida como um objeto de comparação.



estabilizado em São Paulo, inclusive propiciando a reabertura de parques – matéria que foi até mesmo reproduzida pela revista digital privada <u>IstoÉ</u>.

Também em julho, foi publicado na Agência Brasil que o Brasil havia alcançado 1,96 milhão de casos de covid-19 e 75,3 mil mortes. No entanto, apesar de existir menção ao recorte racial dos casos, na notícia referenciada, não havia tal informação no título, assim como em muitas matérias de outras agências, ainda que os dados exibidos em parte da notícia demonstrem que 31,3% dos internados fossem pardos e 4,6% pretos, assim como 35,3% dos falecidos eram pardos e 4,9% pretos.

No mesmo mês, houve a principal divergência entre a <u>Agência Brasil</u>, pública, e outras agências privadas, conforme apresentado brevemente no <u>Informativo 6</u> desta série. Ao noticiar sobre a lei sancionada por Bolsonaro para atendimento a indígenas e quilombolas, a mídia pública fez questão de suprimir a informação a respeito dos vetos do presidente, que foi destacada nas mídias privadas (com a utilização da expressão "com vetos" nos títulos). Depreende-se, então, que a ausência desse trecho beneficia a publicização do fato de ter sido sancionada uma lei a favor dessas comunidades, mas ignora a relevância dos vetos, inclusive ao fornecimento de água potável, tópico que portais privados (como o <u>G1</u>) fizeram questão de ressaltar em suas chamadas.

#### Imagem 4 → Chamada da Agência Brasil sobre o PL 1142

# Bolsonaro sanciona lei para atendimento a indígenas e quilombolas

Fonte: Agência Brasil, 2020.



Imagem 5

Chamada do G1 sobre o PL 1142

# Bolsonaro sanciona, com vetos, projeto que prevê medidas para tentar proteger indígenas

Fonte: G1, 2020.

Em agosto, notícias da <u>Agência Brasil</u> sobre alunos infectados na rede municipal paulistana também emergiram. No entanto, apesar de o maior contingente de estudantes negros contaminados ter sido citado ao longo do texto – e mencionado como "significativo" –, este tampouco teve presença no título da matéria, situação que voltou a acontecer em mais notícias da agência pública sobre casos e mortes.

Já em setembro, a <u>Agência Brasil</u> redigiu um artigo<sup>9</sup> acerca da falta de coordenação municipal e da ampliação da pandemia de covid-19 embasado em uma conclusão da Universidade de Oxford sobre o levantamento da Confederação Nacional dos Municípios. No entanto, apesar de tantos erros cometidos pelo governo federal na gestão da crise, nenhum destes foi mencionado, enfatizando apenas a conclusão do estudo sobre a responsabilidade municipal, e sem instigar o público a realizar uma leitura crítica da matéria.

Novamente, em setembro, o investimento em proteção a indígenas e combate à covid-19 em seus territórios foi alvo de atenção em notícia publicada pela <u>Agência Brasil</u> e reproduzida pela <u>IstoÉ</u>, tendo tais mídias ressaltado o "aporte de R\$ 125 milhões" que seria destinado à área. Dias depois, porém, Bolsonaro culpou, em <u>discurso na ONU</u>, indígenas, ONGs e a mídia pelas queimadas e pelas graves consequências da covid-19. A <u>Agência Brasil</u>, por sua vez, apenas noticiou o discurso e parte dos

<sup>&</sup>lt;sup>9</sup> O texto também foi publicado pelo <u>UOL</u>.



argumentos, sem explicitar, no entanto, como indígenas tinham sido responsabilizados pelo presidente – ponto que foi frequentemente noticiado e criticado por mídias privadas, organizações do terceiro setor, universidades públicas e outros atores da sociedade civil.

Por fim, cabe ressaltar que, após o assassinato de João Alberto, mencionado anteriormente, uma matéria da <u>Época</u> ressaltou que a EBC ordenou (inclusive por escrito, segundo funcionários) à Agência Brasil que censurasse notícias sobre o caso.

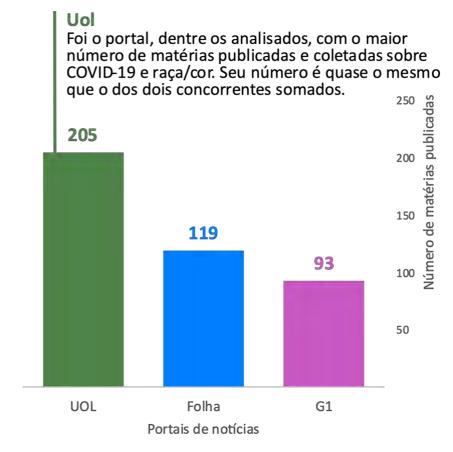
# 4. Quais portais e tipos de instituição publicaram sobre o tema?

#### Jornais e portais de notícias

Conforme afirmado na Introdução e na seção "Sobre os dados" a seguir, G1, Folha e UOL foram os portais mais recorrentes no monitoramento, mas isso não significa necessariamente que tenham sido os que mais publicaram sobre raça e covid-19 no Brasil, dada a utilização de uma ferramenta na coleta de notícias (Google Alerts) que, por questões algorítmicas, acaba priorizando alguns jornais de maior alcance em detrimento de outros menores, como mídias negras independentes. Todos os demais jornais, revistas e portais da imprensa não presentes no gráfico somam, juntos, 1.773 notícias ao todo.



Gráfico 6 → Jornais e portais on-line com mais notícias coletadas sobre covid e raça



Fonte: Elaboração dos autores, 2021.

#### Webinários

Buscando entender quais foram as principais instituições promotoras de webinários sobre covid e raça no Brasil, foram coletadas informações de 125 casos distintos, tais como: data de apresentação, título, a principal organização responsável pelo evento virtual, participantes envolvidos e subcategoria<sup>10</sup>.

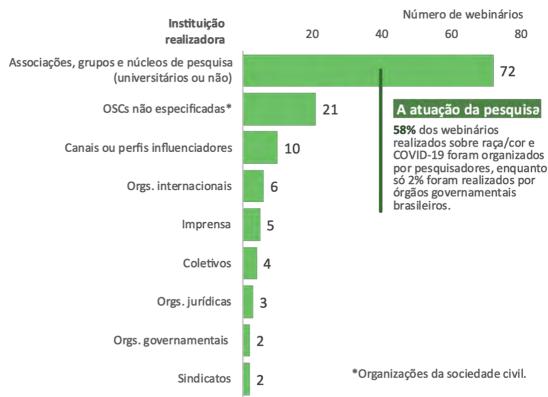
Contudo, tais referências eram insuficientes para identificar qualquer espécie de padrão entre os webinários coletados. Pensando nisso, foram criadas outras três categorias para compreender: qual tipo de instituição principal estava promovendo o evento (como indica o Gráfico 7 a seguir: um grupo ou núcleo de pesquisa – universitário ou não? Uma

<sup>&</sup>lt;sup>10</sup> Categorização criada para este informativo e que será melhor explicada na seção "Sobre os dados".



organização da sociedade civil não especificada? Um canal ou perfil de influenciador?), se esta era privada ou pública (vide Gráfico 8), e se era internacional ou nacional (Gráfico 9). É certo que, de alguma forma, há um viés na coleta que colabora para que existam, no monitoramento, mais webinários brasileiros do que internacionais, conforme explicitado na seção "Sobre os dados". No entanto, o número expressivo de instituições públicas promovendo o debate apenas reforça a importância das universidades, centros de pesquisa e demais organizações do setor público para discutir e sanar problemas que realmente afetam a sociedade, em suas mais diversas camadas.

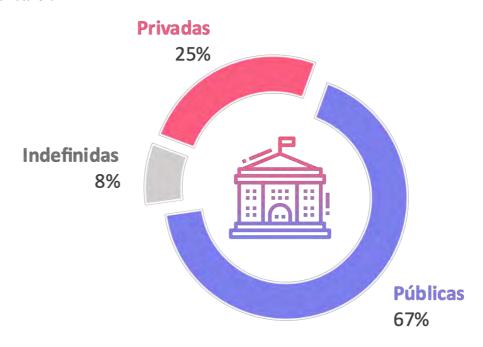
Gráfico 7 → Tipos de instituição que mais promoveram webinários sobre Covid e raça no Brasil



Fonte: Elaboração dos autores, 2021.



# Gráfico 8 → Proporção de organizações promotoras de webinários sobre covid-19 e raça no Brasil por sua natureza



Fonte: Elaboração dos autores, 2021.

Gráfico 9 → Proporção de organizações nacionais e internacionais dentre as promotoras de webinários sobre covid-19 e raça no Brasil



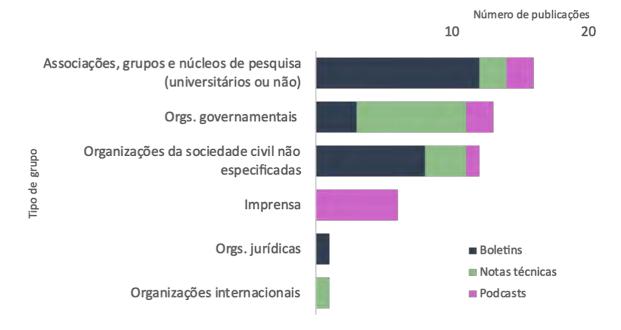
Fonte: Elaboração dos autores, 2021.



### Boletins, notas técnicas e podcasts

Conforme indica o Gráfico 10 abaixo, os tipos de instituição que, segundo o monitoramento, mais lideraram publicações e a organização de boletins, notas técnicas, podcasts e artigos foram os órgãos governamentais de pesquisa (com destaque para o IPEA), as organizações da sociedade civil não especificadas (como a Fundação Perseu Abramo, a Fundação Friedrich Ebert, o movimento Parent in Science e outras), a imprensa (atuando, principalmente, na produção de podcasts, como os promovidos pela Folha, Brasil de Fato, CBN, G1, UOL e outros), as organizações jurídicas e as internacionais (como a ONU e a sua agência Unesco).

Gráfico 10 → Quantidade bruta de boletins, notas técnicas e podcasts por tipo de instituição responsável



Fonte: Elaboração dos autores, 2021.

## 5. Sobre os dados

A coleta dos dados foi feita de modo parcialmente automatizado, uma vez que foram selecionadas palavras-chave como "negros", "pretos", "pardos", "quilombolas", "quilombos", "indígenas", "raça", "racismo" e



outras, sempre associadas a "covid-19", em português, inglês e espanhol, para a criação de notificações no Google Alerts sobre tais temas. Sempre que uma nova notícia surgia, uma leitura manual era realizada para verificar se, de fato, a matéria tratava do tópico deste informativo, sempre respeitando o critério de ser sobre raça e covid-19. Em alguns casos, os documentos não eram notícias, mas sim boletins, notas técnicas e breves matérias informando datas e assuntos de webinários. No entanto, a plataforma frequentemente exibia em maior número as notícias.

Quanto a essas publicações, é válido ressaltar que as mais recorrentes eram aquelas vindas de grandes portais e jornais, como *Folha de S.Paulo* e UOL, influenciando diretamente o resultado da frequência de determinados sites, como apontado previamente. Mídias alternativas e independentes, menores e com poucos recursos, quase não apareciam, e o monitoramento precisou ser complementado com pesquisa manual e raspagem de matérias, em Python, baseada em outros sites e novas pesquisas no Google. Algumas notícias do portal Alma Preta, por exemplo, apareciam nos resultados do Google Alerts quando eram republicadas pelo Yahoo! Notícias, portal maior, mas não quando saíam em seu próprio site institucional.

Quanto aos temas utilizados nos gráficos, estes foram categorias criadas justamente para elaborar o presente informativo. Em uma análise de conteúdo qualiquantitativa (Bauer, 2004; Bauer e Aarts, 2004), cujo intuito era abordar quantas vezes determinado assunto foi abordado e qual/como era tal tema, foi importante elaborar "subtemas" de um tema maior (raça e covid) para entender as interseccionalidades possíveis entre gênero, território, etnia e outras variáveis, por exemplo. Portanto, cada tema apresentado nos gráficos corresponde a uma categoria (ou subtema), e a ela foram associados conteúdos que refletiam sobre o assunto. Um documento (webinário, notícia, artigo etc.) pode, aliás, estar



associado a mais de uma categoria, e justamente por isso alguns dados foram exibidos em quantidades brutas.

Ademais, no caso da <u>amostra selecionada aleatoriamente</u> na seção 2, é válido destacar que, como abordado ao longo do texto, a teoria por trás da inspiração para a criação das categorias utilizadas está, sobretudo, na obra de Varjão (2008), com algumas adaptações quanto aos critérios de adequação a cada tipo de esforço empenhado nas matérias. Novamente: por "esforço mínimo", foram considerados os artigos com 0~1 recurso de tipos distintos; por "esforço mediano", aqueles com 2~3; e por "esforço máximo", aqueles com 4 ou mais. O intuito era reiterar como informação qualificada sobre o tema está cada vez mais difícil (Varjão; Kalil, 2004), e de que forma a mídia, ao lidar com o tema principalmente usando esforços mínimos e medianos, reforça o descaso e a reprodução do racismo em outros meios (Van Dijk, 1989).

Por fim, quanto às nuvens de palavras sobre os conteúdos analisados, é válido observar que estas foram criadas com os títulos dos documentos de mídia (notícias etc.), e não com todos os seus textos, dado o enorme volume de informações obtido (2.190 notícias, 125 webinários, 24 boletins, 14 notas técnicas e 11 episódios de podcasts totalizando 2.364 entradas).



# Seleção de conteúdos midiáticos sobre raça, desigualdades e pandemia

Boletins	Fiocruz	Boletim Socioepidemiológico da Covid-19 nas Favelas, no. 01/2020 Angelo et al.	Jul.2020
	Rede de Pesquisa Solidária	Boletim "Covid-19: Políticas  Públicas e as Respostas da  Sociedade" no. 18  Sousa et al. (coord. Boletim n. 18)	Jul.2020
	Conectas e Cepedisa	Boletim "Direitos na Pandemia" no. 01 Asano, Ventura et al. (ed.)	Jun.2020
Jornais	Folha	Com pandemia, SP registra 25% de mortes a mais entre negros e 11,5% entre brancos em 2020	Mar.2021
		C. Colluci; Estudos da Vital Strategies e Afro- Cebrap	
	Folha	Brancos são quase o dobro dos negros entre vacinados contra covid no Brasil Barbon, J.; F. Faria	Mar.2020
	Gênero e Número	Entrevista: "O coronavírus não tem nada de democrático. Ele tem 'preferências', e os negros são um dos grupos preferidos dele"  L. Xavier (Criola); S. Bertoldo (ed.)	Abr.2020
Webinários	Canal Preto, OIT, MPT, ONU et al.	Mulheres Negras Rumo a um Planeta 50-50 em 2030: 4. Racismo e Territórios — Quilombos T. Araújo; G. Silva; L. Casseres; M. Senhora	Ago.2020
	ABC	O Mundo a partir do Coronavírus  Ed. 8 - Populacoes Fragilizadas  M. M. Carneiro, M. Lima; E. S. Silva	Mai. 2020



## Como citar este informativo

BERTOLOZZI, Thayla Bicalho; VENTURINI, Anna Carolina et al. Covid-19 e raça no Brasil de 2020: uma observação de notícias, webinários e outras fontes. *Informativos Desigualdades Raciais e Covid-19*, AFRO-CEBRAP, n. 9,



Para rever a colaboração dos pesquisadores do Afro ao debate público sobre desigualdades raciais e racismo, acesse o nosso <u>site</u>.

## Referências bibliográficas

Dado o grande volume de artigos jornalísticos e textos de portais de notícias citados, optou-se por referenciá-los via hiperlink, podendo ser acessados diretamente ao clicar. Os demais textos utilizados — material bibliográfico teórico, publicado em periódicos científicos, livros e demais obras semelhantes — encontram-se citados a seguir.

ACEVEDO, Claudia Rosa; NOHARA, Jouliana Jordan. "Interpretações sobre os retratos dos afro-descendentes na mídia de massa". *Rev. adm. contemp.* vol.12 no. spe Curitiba, 2008.

BARROS FILHO, Clóvis de; MARTINO, Luís Mauro Sá. *O habitus na comunicação*. São Paulo: Paulus, 2003.

ARRUTI et al. O impacto da Covid-19 sobre as comunidades quilombolas. *Informativos Desigualdades Raciais e Covid-19*, Afro/Cebrap, n. 6, 2021.

BAUER, Martin W. "Análise de conteúdo clássica: uma revisão". In: BAUER, Martin W; GASKELL, George (Org.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*: um manual prático. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2004. p.189-217.

BAUER, Martin W.; AARTS, Bas. "A construção do corpus: um princípio para a coleta de dados qualitativos". In: BAUER, Martin W; GASKELL, George (Org.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*: um manual prático. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 3.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2004. p.39-63.

BERTOLOZZI, Thayla Bicalho. As mortes "ocultas" da pandemia e o Setembro Amarelo. Nexo Jornal. 25 set. 2020. Disponível em:

<a href="https://www.nexojornal.com.br/ensaio/debate/2020/As-mortes-'ocultas'-dapandemia-e-o-Setembro-Amarelo">https://www.nexojornal.com.br/ensaio/debate/2020/As-mortes-'ocultas'-dapandemia-e-o-Setembro-Amarelo</a>.

BERTOLOZZI, Thayla Bicalho. Majoritariamente negro, o Amapá foi apagado, não esquecido. Nexo Jornal. 29 nov. 2020. Disponível em:



<a href="https://www.nexojornal.com.br/ensaio/2020/Majoritariamente-negro-o-Amapá-foi-apagado-não-esquecido">https://www.nexojornal.com.br/ensaio/2020/Majoritariamente-negro-o-Amapá-foi-apagado-não-esquecido</a>.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 8. ed. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

CALDWELL, Kia Lilly; DE ARAÚJO, Edna Maria. COVID-19 is deadlier for black Brazilians, a legacy of structural racism that dates back to slavery. The Conversation. Disponível em: <a href="https://theconversation.com/covid-19-is-deadlier-for-black-brazilians-a-legacy-of-structural-racism-that-dates-back-to-slavery-139430">https://theconversation.com/covid-19-is-deadlier-for-black-brazilians-a-legacy-of-structural-racism-that-dates-back-to-slavery-139430</a>.

CASTELLS, Manuel. Fim de milênio. 3.ed. In: \_\_\_\_\_\_. *A era da informação: economia, sociedade e cultura*. v.3. Tradução de Klauss Brandini Gerhardt e Roneide Venancio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 2002. p.1-497.

CORDEIRO, Tânia. "Leitura de fatos violentos publicados na mídia". *FCCV UFBA*, Ano 7, no. 16, 16 abr. 2007. Disponível em:

<a href="http://www.fccv.ufba.br/textos/2005/leituras\_midia\_especial\_05.doc">http://www.fccv.ufba.br/textos/2005/leituras\_midia\_especial\_05.doc</a>. Acesso em: 20 fev. 2021.

DE ARAÚJO, Edna Maria et al. COVID-19 morbimortality by race/skin color/ethnicity: the experience of Brazil and the United States. Disponível em: <a href="https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/1318">https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/1318</a>>.

DE OLIVEIRA, Roberta Gondim et al. "Racial inequalities and death on the horizon: COVID-19 and structural racism". *Cad. Saúde Pública*, vol. 3 6 n. 9, Rio de Janeiro, 2020. Epub Sep 18, 2020. Disponível em: <a href="https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-311X202000993003&script=sci-arttext&tlng=en>">https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-311X202000993003&script=sci-arttext&tlng=en>">https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-311X202000993003&script=sci-arttext&tlng=en>">https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-311X202000993003&script=sci-arttext&tlng=en>">https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-311X202000993003&script=sci-arttext&tlng=en>">https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-311X202000993003&script=sci-arttext&tlng=en>">https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-311X202000993003&script=sci-arttext&tlng=en>">https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-311X202000993003&script=sci-arttext&tlng=en>">https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-311X202000993003&script=sci-arttext&tlng=en>">https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-311X202000993003&script=sci-arttext&tlng=en>">https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-311X202000993003&script=sci-arttext&tlng=en>">https://www.scielo.br/scielo.php?pid=sci-arttext&tlng=en>">https://www.scielo.php?pid=sci-arttext&tlng=en>">https://www.scielo.php?pid=sci-arttext&tlng=en>">https://www.scielo.php?pid=sci-arttext&tlng=en>">https://www.scielo.php?pid=sci-arttext&tlng=en>">https://www.scielo.php?pid=sci-arttext&tlng=en>">https://www.scielo.php?pid=sci-arttext&tlng=en>">https://www.scielo.php?pid=sci-arttext&tlng=en>">https://www.scielo.php?pid=sci-arttext&tlng=en>">https://www.scielo.php?pid=sci-arttext&tlng=en>">https://www.scielo.php?pid=sci-arttext&tlng=en>">https://www.scielo.php?pid=sci-arttext&tlng=en>">https://www.scielo.php?pid=sci-arttext&tlng=en>">https://www.scielo.php?pid=sci-arttext&tlng=en>">https://www.scielo.php?pid=sci-arttext&tlng=en>">https://www.scielo.php?pid=sci-arttext&tlng=en>">https://www.scielo.php?pid=sci-arttext&tlng=en>">https:/

DO BRASIL, Cristina Indio. Favela Observatory denounces structural racism in impact of COVID-19. Agência Brasil EBC. Disponível em: <a href="https://agenciabrasil.ebc.com.br/en/saude/noticia/2020-08/favela-observatory-">https://agenciabrasil.ebc.com.br/en/saude/noticia/2020-08/favela-observatory-</a>

DOS SANTOS, Herbert Luan Pereira et al. "Necropolitics and the impact of COVID-19 on the Black community in Brazil: a literature review and a document analysis". *Ciênc. saúde coletiva*, vol. 25, supl.2, Rio de Janeiro Oct. 2020. Epub Sep 30, 2020.. Disponível em: <a href="https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S1413-81232020006804211&lng=en&nrm=iso&tlng=en>">https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S1413-81232020006804211&lng=en&nrm=iso&tlng=en>">https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S1413-81232020006804211&lng=en&nrm=iso&tlng=en>">https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S1413-81232020006804211&lng=en&nrm=iso&tlng=en>">https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S1413-81232020006804211&lng=en&nrm=iso&tlng=en>">https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S1413-81232020006804211&lng=en&nrm=iso&tlng=en>">https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S1413-81232020006804211&lng=en&nrm=iso&tlng=en>">https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S1413-81232020006804211&lng=en&nrm=iso&tlng=en>">https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S1413-81232020006804211&lng=en&nrm=iso&tlng=en>">https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S1413-81232020006804211&lng=en&nrm=iso&tlng=en>">https://www.scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S1413-81232020006804211&lng=en&nrm=iso&tlng=en&nrm=i

FERREIRA, P. et al. População negra e prisão no Brasil: impactos da Covid-19. *Informativos Desigualdades Raciais e Covid-19*, Afro/Cebrap, n. 4, 2020.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. "Democracia racial: o ideal, o pacto e o mito". *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, v. no 2001, n. 61, p. 147-162, 2001.

JOHNSTONE, Megan Jane; KANITSAKI, Olga AM. Cultural racism, language prejudice and discrimination in hospital contexts: an Australian study. Disponível em: <a href="https://diversityhealthcare.imedpub.com/abstract/cultural-racism-language-prejudice-and-discrimination-in-hospital-contexts-an-australian-study-2186.html">https://diversityhealthcare.imedpub.com/abstract/cultural-racism-language-prejudice-and-discrimination-in-hospital-contexts-an-australian-study-2186.html</a>.

JONES, CP. "Invited commentary: 'Race', racism and the practice of epidemiology". *American Journal of Epidemiology* 154: 299-304. 2001.

JR BARRETO, Raimundo C. "The COVID-19 Pandemic and the Ongoing Genocide of Black and Indigenous Peoples in Brazil". *International Journal of Latin American Religions*, vol.

denounces-structural-racism-impact-covid-19>.



4, p.417-439(2020). Disponível em: < <a href="https://link.springer.com/article/10.1007/s41603-020-00126-y">https://link.springer.com/article/10.1007/s41603-020-00126-y</a>.

LIMA, M. et al. Desigualdades Raciais e Covid-19: o que a pandemia encontra no Brasil?. *Informativos Desigualdades Raciais e Covid-19*, Afro/Cebrap, n. 1, 2020.

MBEMBE, A. Necropolítica. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MILANEZI, J. et al. Mulheres negras na pandemia: o caso de Agentes Comunitárias de Saúde (ACS). *Informativos Desigualdades Raciais e Covid-19*, Afro/Cebrap, n. 5, 2020.

PRATES, I.; LIMA, M. et al. Desigualdades raciais e de gênero no mercado de trabalho em meio à pandemia. *Informativos Desigualdades Raciais e Covid-19*, Afro/Cebrap, n. 7, 2021.

REID, Papaarangi; ROBSON, Bridget. Understanding health inequities. 2007. Disponível em: <a href="https://www.otago.ac.nz/wellington/otago067740.pdf">https://www.otago.ac.nz/wellington/otago067740.pdf</a>.

SARAIVA, Augusta. Race matters in the Covid-19 fight. The Brazilian Report. Disponível em: <a href="https://brazilian.report/society/2020/05/10/brazilian-data-shows-that-race-matters-in-the-covid-19-fight/">https://brazilian.report/society/2020/05/10/brazilian-data-shows-that-race-matters-in-the-covid-19-fight/>.</a>

SOUSA, C. J. et al. Desigualdades raciais de mobilidade e acesso a serviços de saúde de alta complexidade em São Paulo. *Informativos Desigualdades Raciais e Covid-19*, Afro/Cebrap, n. 2, 2020.

VAN DIJK, Teun A. Mediating racism: The role of the media in the reproduction of racism. 1989. Dispinível em: <a href="https://www.discourses.org/OldArticles/Mediating%20Racism.pdf">www.discourses.org/OldArticles/Mediating%20Racism.pdf</a>.

VARJÃO, Suzana. Micropoderes, macroviolências. Salvador: Edufba, 2008.

VARJÃO, Suzana; KALIL, Maria Eunice. "Informação qualificada: um dos grandes desafios da segurança pública". *Bahia Análise & Dados, Direitos Humanos*. Salvador, v. 14, n. 1, p.233-242, jun. 2004.

VENTURINI, A. C. et al. As desigualdades educacionais e a Covid-19. *Informativos Desigualdades Raciais e Covid-19*, Afro/Cebrap, n. 3, 2020.





# Equipe do Projeto "Desigualdades Raciais e a Covid-19"

Márcia Lima | coordenação Anna Carolina Venturini Caio Jardim Sousa Huri Paz Hugo Nicolau Barbosa de Gusmão Gisele Silva Costa Jaciane Milanezi Renata Braga Thayla Bicalho Bertolozzi

#### **Financiamento**



#### **Apoio**



**IBIRAPITANGA**